

# **Aprendizagem e *ensinagem* no estado da arte:** *processo de avaliação em Psicologia Social*

Fabíola Maria Ferreira Félix Ximenes

Mestre em Psicologia pela UFC  
Educatória Biocêntrica – UECE/CDH  
Graduada em Serviço Social  
Professora na Faculdade Terra Nordeste  
E-mail: fabiolaximenes@bol.com.br

Eniziê Paiva

Mestre em avaliação de políticas públicas pela UFC  
Coordenadora do Curso de Serviço Social – FATENE  
Graduada em Serviço Social  
E-mail: eniziepaiva@yahoo.com.br

Recebido: 13 mai. 2016

Aprovado: 25 jun. 2016

**Resumo:** O atual cenário do processo de ensino-aprendizagem, ainda, aprisiona o educando em regras e padrões que não contribuem para o desenvolvimento das subjetividades do sujeito. A avaliação no estado da arte possibilita o desvelar de capacidades adormecidas. O artigo trata dos resultados colhidos em sala de aula de graduação, cuja profundidade, aponta para outros paradigmas de *ensinagem* (ensino-aprendizagem).

**Palavras-chaves:** avaliação; desafio; arte; educação; aprendizagem; subjetividades.

**Abstract:** The current scenario of the teaching-learning process still imprisons the student in rules and standards that do not contribute to the development of the individual subjectivities. Evaluation in state of the art enables the unveiling of sleeping capacity. The article deals with the results collected in the undergraduate classroom, which depth, points to other teaching and learning paradigms (teaching and learning).

**Keywords:** evaluation; challenge; art; education; learning; subjectivities.

**Resumen:** El escenario actual del proceso de enseñanza-aprendizaje aún aprisiona al estudiante en las reglas y normas que no contribuyen al desarrollo de las subjetividades individuales. La evaluación de las técnicas permiten el descubrimiento de habilidades apaciguadas o que no han sido explotadas. El artículo analiza los resultados recogidos en las clases universitarias, cuya profundidad, apunta hacia otros paradigmas de enseñanza y aprendizaje.

**Palabras clave:** evaluación; desafiar; arte; educación; aprendizaje; subjetividades.

## Introdução

Os educandos implicados neste artigo estão no primeiro semestre do curso de Serviço Social, contudo, a maioria ainda traz com seu frescor os comportamentos do ensino médio. Apesar dessas turmas formarem um grande mosaico de tantas diferenças em idades, em histórias, em etnias, em etc., possuem um caminho comum: um nítido movimento em buscar a melhor forma de estar no mundo e expressar sua verdade interior e seu propósito de vida. Também, por esse motivo, evitamos chamar aos estudantes de aluno por saber que o sufixo *a* pode ser de negação e que *luno* significa luz, então aluno significaria aquele sem luz e não é essa a realidade.

Este artigo floresceu a partir da experiência de presenciar em sala de aula o resultado de uma avaliação na disciplina de Psicologia Social, que buscou superar o método tradicional de prova escrita e propôs aos participantes o desafio de saírem da conhecida zona de conforto. O objetivo foi desvelar por meio da arte o que de melhor, de mais profundo e de lúdico trazem essas pessoas que puderam entrar em contato, afetivamente, com suas interioridades e com o campo de existência do outro como singulares e plurais.

A inquietação foi: como afetar esses estudantes para que consigam entrar em um movimento de superação de suas expressões pessoais e grupais? E, ainda, como fazer com que o conteúdo se materialize na experiência e contribua com mais legitimidade para o processo de construção da *ensinagem* (ensino-aprendizagem)? Alinhando o pensar, o sentir e o agir, a resposta foi clara: através da criação/construção artística dos conceitos da Psicologia Social.

A Psicologia Social na perspectiva de Silvia Lane (1995, 2006) – percussora da Psicologia Social no Brasil – traz como premissa básica a “in-formação” de um homem determinado histórico e culturalmente, com todo o potencial de ser protagonista no processo das relações societárias, a partir de um despertar da consciência política, tornando-se ele mesmo criador do mundo que deseja habitar e que seja justo do ponto de vista individual e coletivo. A arte por sua vez, possibilita o caminho da ampliação da linguagem, bem como do potencial criativo, e esses capacitam o humano para ir além de si, para trans-formar, para transcender e para produzir um outro mundo de relações.

A produção do mundo está condicionada a diversos paradigmas e, conseqüentemente, a serviço de forças antagônicas, que fazem grande parte da humanidade agonizar em meio as injustiças sociais, frutos de um profundo individualismo em todas as camadas sociais. De acordo com Lane (1995, p. 62), “somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo”. Dessa forma, é fundamental que nós educadores possamos trazer reflexões para nossas práticas docentes no sentido de despertar o processo de conscientização e fazer com que os educandos possam conferir sentido ao que fazem, como fazem e porquê fazem.

### **A psicologia social apresentada em sala aula: perspectivas**

A psicologia social estuda essencialmente a relação do indivíduo com e na sociedade, facilitando o entendimento do caminho percorrido para que nos tornássemos sociais e, também, se sustenta numa perspectiva histórico-cultural de formação de sentidos na dialética construção do mundo e, como este, nos constrói em um mesmo movimento de apropriação (LANE, 2006). O convite apresentado é para a compreensão dos padrões de manutenção do sistema capitalista e como este adormece o senso comum, para que não se transforme em um saber que transforma. De acordo com Lane (1995), vamos percebendo nossas semelhanças e diferenças no confronto que o viver em grupo proporciona, permeado por normas e por marcas individuais que vão formando o ser social, a identidade social e a consciência de si mesmo.

Essa identidade social abre caminhos para o autoconhecimento no momento em que o sujeito se pergunta: quem sou eu? Que lugar ocupo nesse espaço? O que significa isso? Tenho liberdade de escolhas? Todos esses questionamentos provocados pela psicologia social instauram o processo de construção da consciência de si mesmo. Isso é movimento.

Sawaia (2010, p. 365) afirmava que: “Silvia Lane (autora do livro *O que é psicologia social*) buscava no marxismo a possibilidade analítica de inserir o homem e as categorias do psiquismo humano na história e na sociedade de classes, um homem em movimento”. O olhar para essa inserção precisa de muita acuidade, já que essas relações não são percebidas no imediato dos encontros.

Em consonância, o pensamento de Netto (1995) já defendia que: "Isso porque, a estrutura de nossa sociedade, ao mesmo tempo em que põe o ser social como ser de relações, no mesmo instante e pelo mesmo processo, oculta a natureza dessas relações ao observador". A proposta da psicologia social como disciplina é exatamente desvelar aos estudantes essas conexões, ocultas no sentido da clareza e posicionamento diante do que se constrói em nome de todos, mas que, na verdade, só beneficia a uma minoria que reforça a relação explorado x explorador.

No caminho de entendimento e superação deste modelo, Martin-Baró (*apud* JIMÉNEZ-DOMÍNGUEZ, 2009, p. 24) assevera que “toda ação humana significativa é a tentativa de articular os interesses sociais com os individuais”. Esse momento corresponde à transformação de um (individual) no outro (social) e vice-versa. Isso é Psicologia Social Crítica.

Para que esse conteúdo fique acessível ao nível da classe, os graduandos são frequentemente convidados a refletirem sobre suas ações nessa trilha de desconstrução do senso comum, a partir de suas condições objetivas de vida e das transformações que esses saberes operam no cotidiano, tendo como maior evidência a linguagem que se elabora e, aos poucos, vai deixando de ser coloquial. E nessa perspectiva de transformação, o convite é para considerar a possibilidade de um objeto idealizado, que se materializa por meio da ação e atenção conscientes, surgindo o produto.

### **Como fazer a leitura de tanta subjetividade?**

No início do semestre, por ocasião da apresentação do conteúdo da disciplina foi lançado o desafio da primeira avaliação: responder à pergunta *O que é Psicologia Social?* Contudo, a forma de responder seria realizando uma arte que materializasse este conceito na concepção do educando. Essa arte precisaria, necessariamente, ser elaborada de forma manual. Esta foi a consigna. Sem mais detalhes e/ou sugestões para que o “artista” ficasse livre no seu processo criativo.

A medida em que as aulas foram acontecendo no formato de quatro horas-aulas (4h/a), uma vez por semana, a classe processava individual e coletivamente os temas, e as ideias foram surgindo na identificação com o conteúdo. A sequência foi de acordo com o livro *O que é psicologia social* da Coleção Primeiros Passos e seguiu o seguinte roteiro: Aula 1: psicologia e psicologia social; Aula 2: como nos tornamos sociais: os

outros, a identidade social e a consciência de si; Aula 3: como aprendemos o mundo que nos cerca: a linguagem, a família e a escola; Aula 4: trabalho e classe social.

As apresentações foram realizadas em duas manhãs (07 e 14 de abril de 2016) e presenciamos um mergulho na criatividade, nos sentimentos e em descobertas trazidas pelos “artistas”. Diante de tanta profundidade, resolvemos documentar e tornar público os resultados. Para tal, pedimos permissão e solicitamos aos participantes que escrevessem sucintamente o que significou serem avaliados no estado da arte. Assim, na busca de uma metodologia que fosse coerente com a natureza subjetiva do trabalho e, com uma abordagem qualitativa, escolhemos a Análise de Conteúdo Categorical que se define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42)

Para Minayo (2010), este método consegue atingir um nível mais profundo de percepção do que ficou para além das falas, “ultrapassando o sentido manifesto do material”. Foi realizada uma cuidadosa leitura das respostas e depois agrupadas nas categorias que surgiram. A Análise de Conteúdo apresenta três tipos de categorias: analíticas, operacionais e empíricas, sendo essa última nossa escolha, pois:

Geralmente, quando um pesquisador consegue apreender e compreender as categorias empíricas de classificação da realidade do grupo investigado, perceberá que elas são saturadas de sentido e chaves para a compreensão teórica da realidade em sua especificidade histórica e em sua diferenciação interna (MINAYO, 2010, p. 179).

Como já referido anteriormente, foi solicitado que escrevessem sobre como é ser avaliado no estado da arte e após, repetidas leituras das respostas, as categorias encontradas foram: desafio, liberdade, autonomia, descoberta, gratificante, felicidade, interioridade e prazer. As turmas são compostas por homens e mulheres com idades variando entre 17 e 67 anos, divididos nos turnos manhã e noite.

Importante registrar que grande parte reside na zona rural, onde as questões intrínsecas ao capitalismo não são sentidas com a potência das metrópoles. A percepção do sertanejo é diferenciada e esse cenário fica claro quando os estudantes expressam

suas opiniões em sala de aula, inclusive fazendo comparações com a forma como foram criados e o que encontram na faculdade, no convívio com os demais.

### **O que produziram**

O que se assistiu foi um espetáculo em sensibilidades, em aprofundamentos e em desvelamentos, apesar do nervosismo, próprio de quem vai falar em público, que foi uma constante independentemente da idade. Surpreendeu a variedade em temas e obras. No entanto, o que saltou aos olhos foram as falas que acompanharam as apresentações dos trabalhos. Uma dupla apresentou um quadro vermelho com um coração branco feito com lã e pregos e defendeu que, encontrou a tábua no lixo, conseguindo transformá-la em arte. Nesse processo, chegou à conclusão que, se pode transformar lixo em arte, também pode transformar a própria vida. E, assim, discorreu sobre as dificuldades do cotidiano com um olhar mais consciente e afetivo, desconstruindo a ideia de que as mudanças acontecem de forma mágica.

Uma outra dupla vestiu duas bonecas com roupas confeccionadas manualmente, que caracterizaram uma como bruxa e outra como fada e provocaram questionamentos em sala sobre o que é o bem e o mal na sociedade capitalista e, ainda, para a necessidade de ficarem atentos para as armadilhas do encantamento produzido pelo capitalismo, que, segundo defendeu, realmente não contribuem para o coletivo. Lembramos que são estudantes do primeiro semestre.

Na continuidade, tivemos um estudante que tem disfemia (gagueira) e se desafiou: sua arte foi declamar um poema próprio para toda a sala que tornava explícito em verso e prosa o conceito de psicologia social. E para muito além do próprio desafio foi a forma como a classe escutou essa apresentação: com profundo e emocionante respeito. Ficou patente para todos.

Nessa linha de desafio, um outro estudante com deficiência visual (66 anos) apresentou uma parábola com vidros, pedras e água convidando aos demais para ampliarem seus olhares sobre os processos de vida. Relatou da seriedade que o dia a dia nos convida. Falou a partir de sua experiência de ter perdido a visão, o que ainda aprende com isso.

Uma participante de 67 anos teceu, através do crochê, sua vida, que chamou de vida aprisionada, mas que, a partir dos conteúdos da disciplina lhe proporcionaram

sentir o gosto da liberdade em cada ponto da sua arte, o que lhe trouxe ao território do encontro consigo mesma. Essas descobertas foram afetando a cada um e a todos mostrando, principalmente, a capacidade que temos para enxergarmos o novo e nos apropriarmos do desconhecido, tão diverso, tão abundante dentro e fora de nós.

Trazendo a diversidade, uma apresentação trouxe uma caixa de ovos coloridos naturalmente, não só caracterizados como pessoas e trazendo as diferenças de expressões culturais, raciais, sociais, mas também a igualdade de essência: somos todos humanos. Saber que a classe desperta para esse movimento, que convida diferentes conceitos de igualdades e diferenças na perspectiva da cidadania é gratificante, pois, o modelo cartesiano de ensino não traz em sua pauta as verdadeiras questões que movem esse humano.

Muitos quadros de diferentes estilos também se fizeram presentes: pinturas em tela, patchwork, colagens e painéis que falaram da diversidade, dos pré-conceitos, dos diversos arranjos societários e das muitas formas de sobrevivência. Para representar esses estilos, uma colagem facilitou o aprofundamento das expressões da questão social.

Foto 1



Foto 2



A discussão acerca deste trabalho mostra os processos de exclusão da sociedade nas suas diversas categorias, mas, também, chama a atenção para o fato de que a sociedade é constituída por todos nós. Outrossim, o trabalho como assistente social, é na direção de um mundo sem divisões por meio da apropriação do saber e, principalmente, de sua prática nas demandas profissionais e de vida. Esse nível de discurso é recebido com grata surpresa, pois a dificuldade de aprofundamento por falta de leitura é uma constante nas faculdades, e, neste exemplo, chegamos ao território do saber experimentado e construído pela arte.

A capacidade de articulação entre o pensar e o sentir proporciona uma ação consciente, a partir das descobertas feitas quando os diferentes conseguem dialogar e produzir algo de sentido. Esta foi a arte de uma graduanda que fez uma peça de gesso e focou sua fala na possibilidade de mudanças ao reunir os diferentes, usando a metáfora da água e do gesso que se transformam no contato e, ainda, nas possibilidades de dar colorido à existência com o uso de tintas de sua própria escolha, conferindo liberdade e descobertas.

Não podemos deixar de mencionar um trabalho realizado com bordado que, ao ser apresentado, revelou aspectos muito pessoais da vida de uma das participantes que havia sofrido abuso sexual na infância e tinha muita dificuldade em continuar cursando a faculdade, já que várias disciplinas abordam esse tema, tendo, inclusive, trancado a matrícula por não ter elaborado ainda essa experiência e trazer o peso do trauma infantil. Partilhou seu sofrimento, muito emocionada, numa sala com quase oitenta



colegas. Em seguida, mais quatro estudantes (três moças e um rapaz) se solidarizaram com ela, relatando suas dores dos abusos também sofridos. Isso é processo de cura.

Todos os trabalhos merecem igual destaque, porém, o espaço é diminuto para estas falas. Então, seguem as categorias encontradas, justificadas pelas falas dos próprios estudantes/artistas. Todos colaboraram, porém, tivemos que escolher alguns para apresentar aqui e, o critério foi subjetivo: o que mais nos tocou na alma no momento tanto das apresentações quanto da leitura das avaliações do processo.

Escolhemos por não interpretarmos o genuíno da fala de cada um, deixando que suas expressões autênticas também sejam livres de julgamentos. Diante de um nível tão profundo de movimentos e, ainda, do que já foi dito, ficamos com a contemplação e com que o leitor se sentir tocado na sua imensidão. Este artigo é fruto disto.

### *Liberdade*

Nunca fui avaliada nessa maneira. Primeiramente foi impactante e assustador, pois não sabia o que fazer. O trabalho foi tão importante que me ajudou a libertar de algo que estava preso de mim e que ninguém sabia. Está forma de avaliação foi muito mais que uma avaliação, mas sim uma libertação e algo que vou levar para toda vida. (20 anos)

Eu sou uma das mais velhas da classe, mas isso não vem ao caso. Acontece que estou gostando muito de ter voltado a estudar. Gostei muito de apresentar uma arte. Foi muito valioso, acho que aprendemos tanto com isso. Bom, eu não conseguia falar em público, através da nossa experiência, me soltei. Não fiquei nervosa, tomo remédio controlado. Aprendi com o conteúdo da apresentação dos colegas, coisas que deixei de aprender em 30 anos. Libertador. (Não informou idade)

Psicologia em forma de arte, foi espetacular, excelente, onde todos se aprofundaram, todos apresentaram seus conhecimentos de uma forma mais leve, e esta maneira de aprender prova que não precisamos necessariamente estar sob pressão para aprender. (32 anos)

Essa forma de avaliação para mim foi muito interessante, pois é uma forma de interagir socialmente e em grupo, é bem verdade que a tensão fica muito grande, principalmente no meu caso, fora de sala de aula desde 2007, porém aos poucos ia conseguindo libertar e expor nossas expressões, facilitando o contato com os demais, e mostra realmente a nossa capacidade que as vezes passa despercebida no nosso cotidiano, é aí que paramos pra ver que somos capazes de fazer e expressar. (29 anos)

Essa metodologia criou em mim um sentimento de liberdade, pois pude expressar todo meu entendimento sem que houvesse a opressão dos termos e definições que existem na avaliação convencional. Além disso, absorvi mais fácil e rapidamente o conteúdo, e não senti dificuldades em repassa-las aos outros. (25 anos)

Para mim foi algo inovador e ao mesmo tempo desafiador, pois saímos da zona de conforto; nos propiciou autoconhecimento sobre a capacidade de criar e compartilhar essa criação. Um trabalho livre para pessoas libertarem-se dos medos, constrangimentos e principalmente 'opinião alheia'. Parabênzo a professora por ser diferente e nos dar a chance de nos encontrarmos com nós mesmos... em uma palavra conhecimento... (Não informou idade)

### *Descoberta*

Uma experiência rara e desafiadora, com um significado maior para mim. Foi difícil ter que apresentar em público, mas foi uma descoberta de sensações e emoções, onde o prazer de ter feito algo novo foi imenso. Pude fazer uma análise crítica sobre os assuntos propostos e sobre os impactos que eles me causaram, como eu e muitas pessoas somos presas ao senso comum, ao capitalismo e a outras coisas impostas pela sociedade. Percebi o mal que estava me causando e pude começar assim a me libertar desse senso comum. (17 anos)

Adorei a atividade, conheci o lado humano dos meus colegas de classe em dois dias, de uma maneira que em três meses ainda não conhecia. Mas, para mim foi extremamente impactante por que descobri o caminho que irei seguir como assistente social, que é trabalhar com mulheres que sofrem ou sofreram abusos. Eu escolhi essa profissão porque quero fazer diferença na vida das pessoas. Não queria viver em vão. E vou seguir essa linha de trabalhar com mulheres. (27 anos)

No começo foi meio estranho, (...) eu estava sem ideia do que iria fazer e como aplicaria a teoria, como na minha casa trabalhamos com gesso, eu resolvi fazer uma pecinha de gesso. Só que estava com pouco de dificuldade em aplicar a teoria nela, e por seu ser tímida, ficava nervosa por imaginar como seria estar na frente da sala com todos me olhando. (...) E no dia, começando as apresentações, eu muito ansiosa ficava indecisa, se iria ou não, quase no final tomei coragem, eu sou muito tímida e falo muito baixo, mas de alguma forma consegui apresentar meu trabalho, e fiquei muito feliz com meu desempenho e com essa mudança que está acontecendo comigo. Estou me libertando. (18 anos)

### *Prazer*

Transformar o aprendizado em artes, a maneira lúdica e divertida, a pressão psicológica na qual sofremos ao estudar em uma prova convencional modificada no contexto da prática prazerosa das cores de cola colorida e tintas, tornando o aprendizado interessante e bastante produtivo. (42 anos)

Foi um desafio bem prazeroso, onde expressar os conhecimentos adquiridos na disciplina de uma maneira totalmente inovadora, nos trouxe ainda mais interesse, nos motivou a pesquisar e nos aprofundar sobre o assunto. Os conhecimentos obtidos nessa prova se fixaram ainda mais, e sem dúvidas os levaremos durante todo curso, o que dificilmente ocorre em uma prova tradicional, pois apenas decoramos. (30 anos)

### *Interioridade*

Para minha pessoa ser avaliada por meio da arte foi uma surpresa, pois descobri o quanto é valioso o que guardamos dentro de nós, ações valiosas. Diferente de como prova convencional que só decoro, não aprendo. (45 anos)

Não sou tímida, mas uma das coisas mais difíceis para mim é parar para refletir sobre quem sou eu. Essa avaliação me proporcionou esses momentos, essa reflexão, esse conhecimento. Abriu uma caixa e colocou ali um pouco de mim. Parecia tão fácil, mas não foi bem assim, descobri uma coisa: não me conhecia tão bem. A partir daquele momento comecei a prestar mais atenção em mim, nas palavras eu falo, como trato meu próximo; claro que na caixa não poderia ser encontrado tudo de mim. Todos nós temos aquilo que é nosso, que nos tira lágrimas, mas que não deixamos que as pessoas saibam, mas esse trabalho me deu a oportunidade de saber que não é tão ruim as pessoas nos conhecerem e que podemos aprender muito com o outro". (23 anos)

Pude observar mais o interior do ser humano, como somos capazes de esconder tanto sobre nós mesmos, pois só permitimos que o outro conheça aquilo que expomos. O que mais nos angustia é justamente assuntos nos

## Aprendizagem e *ensinagem* no estado da arte

quais seremos julgados por familiares e sociedade, que acaba nos inibindo de expor aquilo que sentimos e principalmente as marcas que temos por conta da destruição que é causada devido ao sentimento de não podermos confiar no próximo ou em grande parte dessas pessoas. Até encontrarmos alguém que nos entenda ou até mesmo que nos escute sem a necessidade de sermos julgados. Não precisa esconder, mas ouvir sem julgar já ajuda bastante ao ser que se encontra solitário interiormente. (23 anos)

Ser avaliada através da arte foi muito emocionante, começou a mexer com as emoções já na preparação do trabalho, fiquei nervosa não nego, mas depois de ver e ouvir os relatos dos colegas de classe, pude perceber que meus problemas se tornam pequenos comparados ao do próximo. Chorei e não nego, pois consegui imaginar cada relato, antes me parecia história de novela ou filmes, mas depois pude perceber que se trata de uma realidade bem próxima, mas que muitas vezes fechamos os olhos ou colocamos 'em baixo do tapete emocional', posso concluir dizendo que é um aprendizado para a vida toda. (20 anos)

Foi muito rico porque nunca tinha sido avaliada dessa maneira e foi importante porque o conhecimento de uma arte e da matéria ao mesmo tempo e toda arte feita refletir o nosso interior de maneira mais simples e bela, foi o que se colocava dentro e estava saindo para fora com todos os nossos sentimentos. (19 anos)

### *Autonomia*

É de grande relevância ressaltar que o rompimento com o modelo de prova tradicional – escrita e individual –, acarretou um resultado estupendo, afinal, o estudante não teria que decorar informações e continuar sendo uma máquina de repetir informações oriundas de um longo sistema de ensino tradicional. Portanto, a prova realizada através de uma arte tendo que também recorrer para uma teoria, fomentou em cada estudante uma autonomia para promover seu trabalho, sendo assim, fica nítido, que tal inovação no modelo de prova, teve um impacto magnífico para o processo de desenvolvimento do conhecimento e autonomia de todos. (18 anos)

### *Felicidade*

O caminho de volta. Bem, o impacto que me causou foi como as mudanças de pensamentos são relevantes e o quanto é importante nos observamos nossos comportamentos e quando devemos saber sobre o que isso nos causa. (...) Hoje eu sei que as melhores coisas vem da simplicidade as vezes temos que para pra pensar no caminho de volta o quanto é importante observar esse caminho de volta o que seria esse caminho, seria parar pra pensar sobre essa forma de pensar que sempre precisamos ter mais, isso que a mídia te coloca de sempre precisar aquele famoso 'pegue 1, leve dois' ou 'pague 1 leve 2' temos que parar e ver que nada é mais necessário que a nossa própria felicidade... a verdadeira felicidade está na Simplicidade. (22 anos)

### *Gratificante*

Ao ser avaliada nesta prova por meio de uma arte, primeiramente veio um 'sentimento' de dúvida, medo, pois durante toda a minha vida escolar fui avaliada de forma tradicional, no qual o professor ou professora dava o conteúdo e ao final tinha-se a nota. (Não informou idade)

Ao me deparar com a proposta fiquei sem saber o que fazer ou falar, mas depois apliquei tudo ou quase tudo que tinha absorvido nas aulas e juntamente com a minha colega criamos nossa arte o que foi muito gratificante, e realizador e os conhecimentos adquiridos posso falar com toda certeza levarei para toda a vida. (22 anos)

Foi uma experiência de total importância para nossa vida. Aprende que podemos quebrar barreiras, que nossos pensamentos sobre os seres humanos podem ir muito além do que imaginamos. (Não informou idade)

Uma oportunidade com certeza sem igual, é muito gratificante conhecer o que somos capazes de fazer e sentir ao se deparar com algo que é tão simples, mas, grande e que vamos levar para vida toda. Obrigado pela oportunidade. (26 anos)

### *Desafio*

No começo eu me senti super apreensiva, depois eu fui lendo os textos, entendendo o assunto. Daí chegou a parte mais complicada: achar uma arte que representasse o psicólogo social. Então eu tive a ideia de falar sobre o preconceito e as formas de pensar do ser humano. Tem que ser loiro, tem que ser magro, tem que ser 'bonito' e arrumado. Então personalizei um caixa de ovos que aparentemente todos os ovos são iguais mais cada um tem sua essência e as suas próprias características e devemos respeitar cada um o jeito que é. (34 anos)

Foi muito bom para mim ter uma avaliação igual à que tive, pois apresentei um trabalho que muito me ajudou nos momentos de solidão. Não me tornei um profissional na área porém muito gratificante. (67 anos)

Nossa! Para mim, realmente foi um desafio e tanto. Pois foi uma fora de conseguir aos poucos ir se soltando e superando o nervosismo e com certeza já me preparando para um futuro onde com (certeza) o assistente social pode precisar e principalmente se você pensar em trabalhar com palestras e ou consultoria. (Não informou idade)

Gostei demais, foi bastante proveitoso e rico em aprendizado. O impacto que me causou superou as expectativas principalmente porque também tirei uma nota boa. (43 anos)

### **Conclusões**

O que é produzido a partir da experiência sempre nos convida para ressignificarmos nossas existências e, por isso, o processo é de *ensinagem*: ensino-aprendizagem. Esse trabalho possibilitou a partilha de singularidades que tocam nas dimensões do processo coletivo, enriquecendo-o. A importância do movimento para além do já conhecido, proporciona um passeio pelo território da liberdade, registrada em muitas falas: O ato criativo como manifestação da experiência interna.

Diante do colapso do atual modelo de educação que não contempla as ansiedades produzidas pelo modo de produção explorador, faz-se necessário um mergulho nas sensibilidades que possam trazer para as pessoas a capacidade de esperar, ou seja, esperar com ações que transformam (CORTELLA, 2005). A maioria dos estudantes chega para iniciar suas faculdades, ainda imersa no rio de alienação que produzimos pela individualidade e pela força que se cria na prática cotidiana do senso comum.

Possibilitar o ato criativo reúne para o sujeito seus recursos internos e, mostra inclusive, conteúdos conflituosos que até então só apareciam como sintomas. Poder dialogar com o emergente de si, confere reflexões do ato de existir e traz para a consciência potencialidades adormecidas pela falsa crença da incapacidade sustentada pelo julgamento alheio.

O encontro com os pares de sala aula, numa relação de horizontalidade facilitou que as apresentações tomassem um caráter de acolhimento às expressões de todos e desconstruísse a ideia da não capacidade, da não aceitação. A apropriação do conteúdo se fez em forma de dança e marcou para além do cognitivo, conferindo sentido ao que fazem, como fazem e porquê fazem. O professor transita, assim, pelo território do educador, pois um não sobrevive sem o outro.

### Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CORTELLA, M. S. Recusar a destruição da convivência digna! (Valores inadiáveis). In: PASSETTI, P. e OLIVEIRA, S. **A tolerância e o intempestivo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, p. 169-179, 2005.

JIMÉNEZ-DOMÍNGUEZ, Bernardo. A articulação crítica entre psicologia ambiental, política e comunitária na obra de Ignacio Martín-Baró. In: GUZZO, Raquel S. L.; LACERDA JR, Fernanda (orgs.). **Psicologia social para a américa latina: o resgate da psicologia da libertação**. Campinas: Alínea e Átomo, 2009.

LANE, S. T. M. A Mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que é psicologia social**. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos 39)

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social**. São Paulo, Cortez, 1995.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & sociedade**. PUC-SP, 21 (3), p. 364-372, 2010.